

OLIVEIRA, Ysmaille Ferreira de. ***Orai pro nobis: Teória e prática de performances na Festa do Divino Espírito Santo na Amazônia.*** Castanhal: Instituto de Artes do Pará - IAP. Professor de história na Secretaria de Estado de Educação - SEDUC; Técnico em Gestão Cultural/Teatro na Fundação Cultural do Estado do Pará - FCP; Servidor Público.

RESUMO

Este trabalho entrecruza teoria e prática de performances em comunidades tradicionais. No princípio, versa sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Macapazinho - Pará, a partir da perspectiva da história cultural e dos Estudos da Performance. Em seguida, o teor histórico, antropológico e performativo produzido pela pesquisa, favoreceu a concepção de uma performance artística, denominada *Orai pro nobis* criada em conjunto com as rezadoras de latim da comunidade de Itaquí, tendo como mote a própria festa. Isso, como produto da bolsa concedida pelo Instituto de Artes do Pará, no qual o projeto *Ladainhas para o Divino Espírito Santo* foi premiado na categoria performance. Assim sendo, as performances em seus atributos inter-relacionais, reativaram memórias, histórias de vida, imaginários e outras devoções manifestadas ao divino. A cantoria em latim, durante apresentação ilustra o desenrolar das tramas em que se aparelha à realidade, a tal ponto da impossibilidade de distinção entre arte, vida e religião, no qual o objeto, uma coroa do divino de miriti, assumiu outras acepções estéticas, sociais e históricas quando recebia toques e beijos dos seus crentes.

Palavras-chave: Performance: Festa do Divino Espírito Santo: Comunidades tradicionais da Amazônia.

ABSTRACT

This paper crosscheck theory and practice performances in traditional communities. Initially, to deals with Festa do Divino Espírito Santo in Macapazinho - Pará, to come from the perspective of cultural history and Performance Studies. Next, the historical, anthropological and performative content produced by the survey, favored the creation of an artistic performance, called *Orai pro nobis* created jointly with the Latin rezadoras of Itaquí community, whose object the party itself. This, as a product of scholarship granted by the Instituto de Artes do Pará, in which the *Ladainhas* project for the Divino Espírito Santo was award-winning in the performance category. Thus, the performances in their inter-relational attributes, revived memories, life stories, imaginary and other devotions expressed the divine. The singing in Latin, during presentation illustrates the development of the plots in which It gears to reality, to the point of distinction is impossible between art, life and religion, in which the object, a miriti divine crown, took other aesthetic senses, social and historical when receiving touches and kisses of his believers.

Keywords: Performance: Festa do Divino Espírito Santo: Traditional communities of the Amazon.

1- A Festa do Divino Espírito Santo: História e performances.

A Festa do Divino está atrelada à religião católica, pois, segundo a bíblia, quando passados 50 dias após a Páscoa é celebrada a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos. No Brasil, essa festa tem um percurso colonial e é vinculada ao catolicismo barroco. A historiadora Mary Del Priore destaca a origem desta e de outras festas no livro *Festas e utopias no Brasil colonial*:

Uma origem européia comum embalou as festas coloniais. A periodicidade da produção agrícola induziu o homem em determinadas épocas de sementeira e colheita a congregar a comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção. A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa. As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizadas em determinados tempos e locais. (DEL PRIORE, 2000, p.13).

A historiadora também destaca esse caráter de camuflagem dos rituais pagãos, através de ritos obrigatórios oficializados por Lisboa em Portugal, contudo permanecendo “letra morta” nessa parte dos trópicos:

Conta Câmara Cascudo que as marcas de travestimento imposto pela igreja foram por muito tempo perceptíveis. O chamado “Mês de Maria” procurava substituir as festa de Afrodite nas quais os portugueses penduravam “giestas à porta” para comemorar a fartura e o culto do reflorescimento da terra. As festas do “Divino”, propositadamente comemoradas em maio, tentavam desde D. João I, em 1385, evitar o paganismo das “Maías”, cantadas e dançadas pelas ruas. Instituíram-se, então, procissões obrigatórias por meio de um acórdão da Câmara de Lisboa, aos quais não foram suficientes para evitar os “inveterados ritos gentílicos” (DEL PRIORE, 2000, p.13-14).

Vicente Salles, historiador paraense, revela que a Festa do Divino foi uma das mais disseminadas na Amazônia, o Império do Divino se estendeu por várias localidades do interior do Estado, e com ele, as festas envolveram aspectos culturais que se mantiveram presente em documentos históricos e inclusive na própria literatura. Salles, faz a seguinte consideração sobre a

Festa do Divino: (2007, p.118) “ Na literatura de ficção, foi Inglês de Sousa o primeiro a introduzi-lo no romance *O Cacaulista*, publicado em 1875, fala da Folia do Divino e sua jornada fluvial nas cercanias de Óbidos ”.

Dado o exposto, para este estudo, destacamos que as redes de constituição da Festa do Divino Espírito Santo se organizam a partir da mobilização de pessoas da agrovila de Macapazinho, pertencente a cidade de Castanhal que fica no nordeste paraense, a 66 Km de Belém.

Na verdade, a geografia da passagem, envolvem três municípios: Castanhal, Inhangapí e Santa Izabel, e ocorre, em média, por cinco meses. O Divino¹ percorre as comunidades de Itaboca, São Sebastião, Inhangapí, Santa Maria, São Benedito, Pernambuco, Trindade, São João, Itaquí, São Tomé e Boa Vista. Nas demais comunidades na qual o Santo percorre, existem grupos de pessoas responsáveis pela permanência dele e preparo das novenas nas casas dos moradores.

Nesses territórios, a análise que será feita caminha pela ótica da performance, por isso, é necessário saber o seu lugar conceitual. Richard Schechner, professor dos Estudos da Performance na Universidade de Nova Iorque (NYU) esclarece:

Onde ocorre a performance? Uma pintura ocorre num objeto físico, uma novela ocorre em palavras. Mas uma performance (mesmo quando partindo de uma pintura ou de um romance) ocorre apenas em ação, interação e relação. A performance não está *em* nada, mas *entre* [...] Um performer do dia-a-dia, num ritual, num jogo ou nas artes performáticas propriamente ditas, faz/mostra algo. (SCHECHNER, 2003, p.28)

Dessa maneira, a performance vai estar associada a um desejo de comunicação na relação entre indivíduos e a sua cultura como destaca Carlson ao citar Turner:

Turner enfatiza não tanto o “estar separado” da performance, mas a sua situação inter-relacional, sua função como transição entre dois estados de atividades culturais mais consolidados ou mais convencionais. Essa imagem da performance como uma borda, uma margem, um lugar de negociação, tornou-se

¹ Divino: Refere-se ao objeto em forma de coroa no qual está o mundo e sobre este uma pomba. Representa o Divino Espírito Santo. A comunidade também denomina de Coroa ou simplesmente Santo, nomenclaturas adotadas neste trabalho.

extremamente importante no pensamento subsequente [...] (TURNER apud CARLSON, 2010, p. 30).

Com isso, percebemos que o caráter inter-relacional é a marca da performance. A Coroa do Divino Espírito Santo é conduzida por todas essas comunidades no período de janeiro a maio. Nesse tempo, ela é o símbolo e a personificação do poder celeste sobre o qual as práticas performáticas das pessoas acontecem, pois, a mesma permanece em torno de sete dias ou mais em cada uma das comunidades. Assim, orações, narrativas², graças alcançadas e procissões agem sobre a Coroa, ao mesmo tempo em que, ela age sobre o lugar onde está inserida estimulando a fé, a devoção e a esperança de uma vida digna, sem males.

Na maioria das comunidades mantém-se certos costumes; nelas, rezam-se a ladainha em latim. A novena é um mosaico de performances que perpassam o canto, a reza, a devoção e o agradecimento às graças alcançadas. Essas performances aproximam-nos de outras tradições, bem mais conhecidas no Pará, como a festa do Glorioso São Benedito. Ambas as festas, heranças coloniais, carregam em si rupturas, permanências e incorporação de outras práticas da cultura local.

A história da Festa do Divino, de acordo com relato dos moradores de Macapazinho, foi organizada pelo soldado Arcílio (todos o conheciam como soldado pelo fato de Arcílio ter participado da Guerra de Canudos). Entretanto, não se sabe o ano exato em que a festividade teve início.

² Um estudo permenorizado das narrativas ao divino estão presente em : OLIVEIRA, Ysthéfane Ferreira. As Narrativas Oraís Da Festa Do Divino: Um Olhar Propiano Do Assunto. UFPA, 2008.



Fig. 18³

Os moradores mais antigos contam que o Divino era constantemente acompanhado por sete foliões⁴. Eles saíam pelas ruas conduzindo o Santo e esmolando⁵. Assim, sem dia marcado, os foliões pediam ou esperavam que as pessoas ofertassem seus donativos. Eles levavam ainda duas bandeiras nas cores vermelha, branca e um bombo que ia sendo batido pelo caminho para anunciar que o Divino estava passando. Os foliões faziam a escolha da casa na qual iria ser rezada a novena em latim. Essa escolha era feita aleatoriamente ou a pedido de algum promesseiro:

Na idade de oito anos eu me lembro que tinha essa procissão, né! Esse [...] essa [...] o santo esmolando, aí ele zumbia, ouvia o baque do “bum” já se arrumava, aí o santo entrava, eles cantavam, aí [...] tinha a bandeira, bandeira branca, bandeira vermelha, eles cantavam, cantavam ali, a gente beijava o Santo aí a gente saía, iam pra outra casa. (MATOS)⁶

O Santo esmolava durante todo o dia e, ao anoitecer, eles se recolhiam numa casa para pernoitar. Os moradores da casa, por sua vez, recebiam o Divino junto com os foliões. A partir desse momento, o anfitrião, com muita

³ Dona Romana e seu esposo falando sobre a festa do Divino, entrevista concedida a Ysthéfane Oliveira Ysmaille Oliveira. [Maio de 2008].

⁴ Foliões: Geralmente homens, cantadores de ladainhas em latim, que peregrinavam por meses nas comunidades, tocando instrumentos musicais e realizando novenas.

⁵ Esmolação: Arrecadação de donativos nas comunidades feita pelos foliões para o dia da Festa do Divino, Pentecoste.

⁶ Dona Romana Matos em entrevista concedida à Ysthéfane Oliveira e Ysmaille Oliveira. [Maio de 2008].

honra, tomava para si a responsabilidade de arcar com a alimentação e estadia para os foliões.

Na casa que eles anoiteciam [...] lá [...] tinha ladainha, lá tinha alvorada, lá tinha janta, lá tinha oferecimento. No outro dia a mesma coisa [...] Na casa da gente se matava porco, se dava comer pra todo mundo, era aquela alegria, só que não tinha festa, não podia ter festa, não podia festa de dança de coisa nenhuma, aquela noite, quando era quinta-feira da assunção no lugar que ele amanhecia, lá nesse lugar, na casa do Gilberto, lá tinha que saí almoço, merenda e janta porque os pião não saía, nem o santo saía do [...] de dentro de casa, era coberto com uma [...] com uma toalha vermelha [...] e alí ninguém mexia. Também não tinha 'reza' não tinha nada [...]. (MATOS)⁷

As promessas dos devotos são momentos de excelência da comunidade. Geralmente, após o término da novena, os fiéis formam filas para beijar ou tocar as fitas que ficam penduradas na Coroa. É nessa hora também que os pedidos são realizados, os promesseiros amarram fitas ou dão um nó nas que já estão na Coroa. Alguns anos atrás foram utilizados uma quantidade tão grande de fitas que acabaram cobrindo toda a Coroa, dificultando a visualização do Santo. Foi um tempo em que as pessoas fizeram muitas promessas, para conseguir casas, além de outros pedidos efetivados em função de alguma enfermidade.

Segundo os moradores, na manhã do dia seguinte, os foliões, trajados com as devidas vestimentas, acordavam as pessoas da localidade ao som da Ladainha da Alvorada, existia também, o dia da Ascensão, que era diferenciado dos demais, pois neste dia o Santo era coberto com um pano vermelho e os foliões permaneciam na casa o dia todo.

No decorrer do tempo, a festa sofreu modificações. Alguns foliões faleceram; outros, devido à idade, não conseguiram mais acompanhar as peregrinações do Divino. Dentre os sete, o último deles foi o senhor Ozório Lameira Oliveira, mais conhecido como "Seu Julico" que faleceu em 2011.

Presenciamos alguns jovens da comunidade acompanhando trechos da novena em latim com "Seu Julico", fato este que responde a um anseio da comunidade. Os jovens, na verdade, estavam sendo preparados para serem os

⁷ Dona Romana Matos em entrevista concedida à Ysthéfane Oliveira e Ysmaille Oliveira. [Maio de 2008].

possíveis sucessores do último folião. Todavia, ao acompanhar o trajeto do Santo percebemos que a maioria das novenas eram cantadas por mulheres, as novas folias.

Notamos que o resultado das mudanças provocadas pelo tempo e pela própria reconfiguração da festa, foi o desaparecimento das ladainhas da Alvorada e do oferecimento da comida. As cerimônias das bandeiras vermelhas e brancas não mais são realizadas, apenas existe, ainda, a bandeira vermelha em Macapazinho.

Na atualidade, diversas narrativas orais desvendam uma sociedade que tenta manter vivos seus valores, as práticas de solidariedade, devoção e respeito ao Santo. Além dessas narrativas que fazem parte do imaginário local, é preciso evidenciar a própria participação da comunidade na ladainha. Chegamos a presenciar novenas que reuniam mais de cem pessoas. Ademais, um momento de grande importância e que talvez seja um dos responsáveis para ajudar a fortificar a tradição, é o banquete.

O banquete, ou jantar, é um momento de partilha. Nele, os donos da casa manifestam o despojamento do lar e daquilo que os sustentam: a comida. É uma ocasião de descontração, de encontro e muitas conversas. Mesa farta com muitos pratos, incluindo os mais típicos, como a maniçoba e galinha no tucupi. É importante salientar que todos participam, pois tudo o que é posto à mesa é em promessa ou em agradecimento ao Santo, por isso as cozinheiras acabam dando uma caprichada especial.

Depois da descrição da Festa do Divino, como ela se realiza e as comunidades envolvidas, pergunta-se: como é possível compreender a festa como performances? Como foi exposto, a Coroa do Divino percorre as comunidades e produz ações e reações diversas. As fitas amarradas nela, os beijos na coroa e a feitura de nós são manifestações de práticas performativas porque criam em cada comunidade situações distintas do seu cotidiano. Assim, Schechner (2012, p.50) esclarece que: “ Ambos, ritual e jogo, levam as pessoas a uma ‘segunda realidade’, separada da vida cotidiana. Esta realidade é onde elas podem se tornar outros que não seus eus diários, elas performam ações diferentes do que fazem na vida diária. ”

A partir disso, apreende-se que durante as novenas e procissões o Santo provoca a vivência de diversos papéis como: devoto, promesseiro,

responsável pelas visitas e o de rezadoras. Nesses papéis que se mesclam as pessoas realizam comportamentos ritualizados como por exemplo: as diferentes maneiras de cantar a novena em latim, no qual se estabelece um ritual atemporal com a simbologia da coroa a partir de genuflexões, gestos e alterações do estado de consciência pelo sentimento de júbilo:

De fato, uma definição de performance pode ser: comportamento ritualizado condicionado/permeado pelo jogo. Rituais são uma forma de as pessoas lembrarem, rituais são memórias em ação, codificadas em ações. Rituais também ajudam as pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária. (SCHECHNER, 2003, p.49-50)

Nessa atmosfera de realidades que se forjam, a ladainha em latim cantada pelos fiéis, o jantar servido, as procissões e as graças alcançadas indicam que as performances acontecem na passagem do Santo, especialmente quando a comunidade se encontra. Estes encontros produzem experiências que Turner categoriza como *communitas*:

Como Turner o definiu, envolve uma diversidade de sentidos, incluindo a normativa e a espontânea. *Communitas* normativa é o que ocorre durante um serviço Episcopal Romano. A congregação é unida “em Cristo” pela eucaristia. Entretanto, nem todo congregante sente-se em Cristo naquele momento. A *communitas* é “oficial”, “ordenada”, “imposta”. *Communitas* espontânea – a favorita de Turner – é diferente, quase oposto. *Communitas* espontânea acontece quando a congregação pega fogo no Espírito (SCHECHNER, 2012, p.68-69).

Temos, na Festa do Divino, uma posição imbricada da *Communitas* oficial e espontânea. As narrativas, neste caso, carregam um valor de punição aos que não são solidários em compartilhar o que tem e ofendem o Santo. Além disso, elas compõem na arte de contar, ritos de reatualização de memórias sobre um poder sublime. Do mesmo modo, oferecer o jantar para a comunidade pode ser lido como *communitas* normativa e espontânea. Assim, recai sobre o mesmo ato: dever, tradição, memória, respeito aos antepassados, celebração do fenômeno da graça obtida e, as vezes simplesmente, o desejo por compartilhar.

Logo, os rituais acontecem, de uma maneira específica, no tempo e espaço das experiências comunitárias que são forjadas e reinventadas nas idas e vindas do Divino durante os meses e anos de ocorrência da festa. Dessa maneira, histórias, narrativas, preparação de banquetes, exercer o papel de cantar as ladainhas, desencadeiam momentos de *communitas*, no qual, os rituais podem ser vistos enquanto performances.

2-Projeto “Ladainhas para o Divino Espírito Santo”: A reatualização do ritual, *Transportes e Transformações na Performance Orai pro Nobis*.

O Instituto de Artes do Pará – IAP, através de edital, contempla pessoa física ou jurídica que tenham projetos nas mais diversas linguagens artísticas, com bolsas de criação, experimentação, pesquisa e divulgação artística. No ano de 2013, o projeto *Ladainhas para o Divino Espírito Santo* foi premiado na categoria Performance. O projeto durou seis meses e envolvia oficinas de teatro, figurino e canto perfazendo com a (o) s rezadores de latim uma performance.

Durante o trabalho, as oficinas permitiram uma maior familiarização de termos e procedimentos técnicos da linguagem cênica com a comunidade do Itaqui, além de possibilitar a recuperação de elementos poéticos que envolvem o Divino, a partir, de jogos teatrais, ao mesmo tempo em que procurávamos salientar as diferenciações entre o teatro e a performance.

A partir do imaginário que envolve a festa, foi que propomos a escolha de histórias, lembranças e graças que tem marcado a ligação de cada um dos devotos com o Divino. A ideia era criar e reviver (re) encontros com o Santo que foram decisivos na vida de cada um, carregado de alegria, prazer e emoção.

Essa metodologia provocou no trabalho uma dimensão substancial nas imbricações das histórias de vida com o ritual. Sendo assim, a performance *Orai pró nobis* (Rogai por nós) deu conta de toda essa atmosfera de intersecção entre graça alcançada, agradecimento e memórias desses atuais foliões.

A performance ocorreu no dia 20 de dezembro de 2013 as 20h:30 min na comunidade do Itaqui em Castanhal, e contou com a participação de um público da própria comunidade, além de outras pessoas vindas de Macapazinho e cidade de Belém.

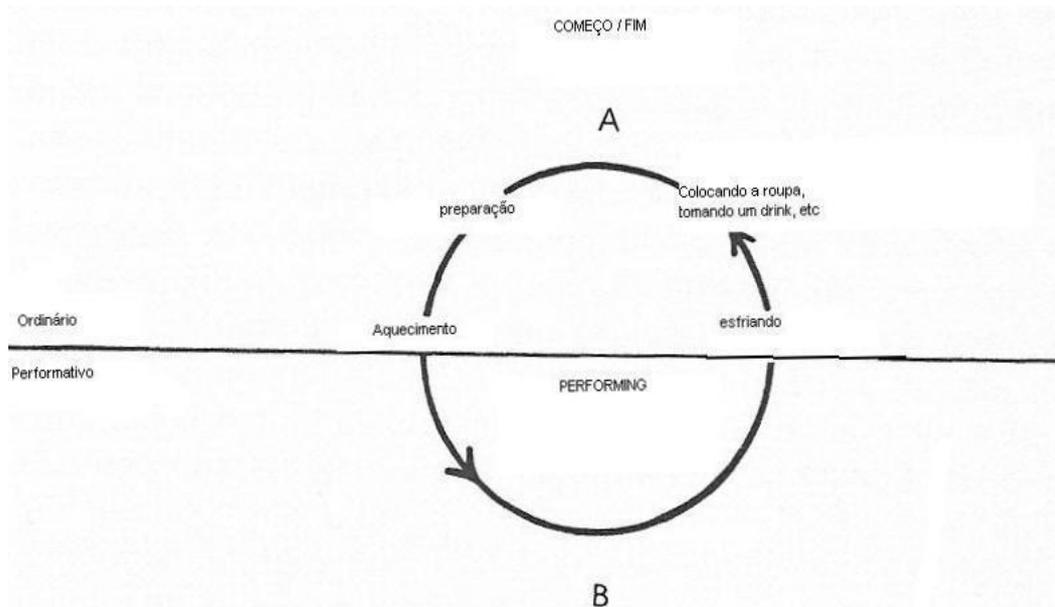
O elenco, membros da comunidade, estava entusiasmado com a atividade cênica e especialmente animado com o figurino e os estandartes confeccionados a partir do mote que foi a Festa do Divino.

Enquanto as pessoas aguardavam o início da apresentação foi mostrado através de slides e sons, as narrativas da comunidade o processo de construção da performance, isto é, as oficinas de teatro, canto, figurino e elementos da história da Festa do Divino, que ocorreram desde julho até dezembro.

A performance teve início com uma procissão que atravessava o campo de futebol, com velas, fogos de artifícios, cantos e orações. Após esse momento, o elenco intervia com a comunidade entregando velas, rezando, cantando e convidando-os para entrar na igreja.

Na igreja, as performances de cada dos foliões ativavam memórias, histórias de vida, graças alcançadas e outras devoções manifestadas ao Divino em que a comunidade se reconhecia, afinal a passagem do Santo proporciona essas experiências. Segundo Schechner (2012, p.71): “ A pessoa é transformada uma vez ou somente umas poucas vezes na vida, às vezes nunca. Entretanto, uma pessoa pode experienciar transportes sobre uma base quase diária. ”

Para Schechner, na performance, os performes sofrem transformações e são levados para os lugares de onde se partiu. Quer dizer, na performance, o performer é conduzido para um lugar e com a ajuda de outros ele retorna para a vida cotidiana, no mesmo lugar de onde saiu. Isso fica mais claro quando ele esboça este desenho:



Figura⁸

Na performance *Orai pro Nobis* a cantoria em latim perscrutava o desenrolar dessas tramas que se aparelhavam com a realidade e estabelecia um jogo com a comunidade baseado em códigos de um imaginário que congrega arte, vida e religião. Neste ciclo de passagem, decorrente da peculiaridade do ritual, operavam mudanças, temporárias ou permanentes:

Rituais liminares mudam permanentemente o que as pessoas são. Ocorrem transformações. Rituais liminoides efetuam uma mudança temporária – algumas vezes, nada mais que uma breve experiência de *communitas* espontânea ou uma performance com várias horas de duração num único papel. Ocorrem transportes. (SCHECHNER, 2012, p.70).

A prática cênica revolve as transformações das histórias de vida operando num contexto artístico de transportes. Pode-se dizer também que as próprias cantorias em latim para o Divino são momentos dessas experiências de transposições e ocorrem quando da presença do Santo.

É oportuno lembrar que o objeto cênico, coroa do Divino de miriti, assumiu outras representações estéticas, sociais e históricas quando recebia toques e beijos. A comunidade se irmanou naquele ato. Ação e inter-relação redimensionando aquele fazer. Performance estética? Performance ritual? A alcunha no plural performances explica esses fenômenos:

Transportes ocorrem não somente em situações rituais, mas também em performances estéticas. De fato, é onde todos os tipos de performance convergem. Atores, atletas, dançarinos, xamãs, artistas, músicos clássicos – todos treinam, praticam e/ou ensaiam para temporariamente, “deixar a si mesmos” e ser inteiramente “aquilo” que estejam performando (SCHECHNER, 2012, p.71).

Por fim, após, no barracão ao lado da igreja, e também como parte da performance, foi servido um jantar com maniçoba, vatapá e refrigerantes a todos os que estavam presentes. Na parede do barracão foram afixadas fotos da passagem da Coroa do Divino em outras comunidades resultado das pesquisas do mestrado realizadas desde 2008.

⁸ Figura sobre Transportes e Transformações (SCHECHNER, 2011, p. 163).

Portanto, *Orai pro nobis!* Trata da relação primordial entre arte, vida e rito, capitulando um momento significativo da passagem da Coroa do Divino nas comunidades de Macapazinho, especialmente em Itaquí. A performance no ritual da ladainha em todas as ocorrências configura momentos de encontros da passagem do sagrado na vida de cada um. Dentro dessa atmosfera a história da festa contribuiu para compreender a reinvenção de práticas culturais dentro do catolicismo popular amazônico. Desse modo, as categorias analíticas dos Estudos da performance permitiu revisitar uma tradição na confluência entre performance ritual e performance artística, isto é, a reatualização de um ritual a partir de seus próprios fazedores como maneira de experimentar outras tecituras poéticas.

Referências bibliográficas :

CARLSON, Marvin. **Performance: Uma introdução crítica**. Tradução de Thais Flores Nogueira, Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FIGUEIREDO, Napoleão & SILVA, Anaíza Vergolino e. **Festa de Santo e Encantados**. Belém, 1972. Academia Paraense de Letras.

MATOS, Romana da Silva, Depoimento [Maio. 2008]. Entrevista concedida a: Ysmaille Oliveira e Ysthéfane Oliveira. Belém, 2008.

OLIVEIRA, Ysthéfane Ferreira. **As Narrativas Oraís Da Festa Do Divino: Um Olhar Proppiano Do Assunto**. UFPA, 2008.

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SALLES, Vicente. **Música e músicos do Pará**. 2ª ed. rev. e aum. _Belém: Secult/Seduc/Amu-PA, 2007.

SHECHNER, Richard. **Performance e antropologia de Richard Shechner**. Org. Zeca Ligiero. Tradução de Augusto Rodrigues da Silva Junior. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

_____. **“O que é performance?”**. *O Percevejo*. Revista de teatro, crítica e estética. Ano 11, nº 12: 25-50, 2003.

_____. **Performers e Espectadores - Transportados e Transformados.**
Revista Moringa. João Pessoa, Vol.2, n.1, 155-185, jan./jun. de 2011.